BOM DIA FURG 24.10.1991

Bom dia. Rio Grande, 24 de outubro de 1991. No programa Bom Dia, FURG, de hoje, uma entrevista especial.

Nosso convidado aqui no estúdio é o doutor Oswaldo Barbosa, professor do Departamento de Medicina Interna da Universidade do Rio Grande. Vamos começar conversando sobre o segundo encontro de consulta inter... de interconsulta psiquiátrica em Porto Alegre. Né, doutor? Bom dia.

Bom dia, Rosane. Bom dia, senhores ouvintes da Rádio Universidade. Com muito prazer, estou aqui para falar sobre este assunto tão importante para a nossa comunidade, que é o assunto psiquiátrica.

Então, em primeiro lugar, como falou a nossa apresentadora, temos o segundo encontro brasileiro de interconsulta psiquiátrica em Porto Alegre de 30 de 10 a 2 de 11 de 1991, no Centro de Eventos São José. Este encontro brasileiro é patrocinado pela Associação Brasileira de Psiquiatria Biológica e pelo Centro de Estudos de Psiquiatria Compreensiva de Porto Alegre. A interconsulta psiquiátrica, já há algum tempo, vem exercendo um papel chato, um papel de suma importância na vida dos hospitais gerais.

A interconsulta psiquiátrica consiste em uma supervisão, uma orientação, num apoio dado às clínicas, ou melhor dizendo, aos médicos dessas clínicas, por psiquiatra. Ou seja, uma equipe central de psiquiatria coordena e assiste os colegas de outras especialidades nas dificuldades psiquiátricas acontecidas nas diversas clínicas. Ora, como sabemos que o ser humano é um ser biopsídico social e que o psiquismo comanda tudo na nossa vida, então nós sabemos da importância que tem a interconsulta psiquiátrica.

Pois, em todas as clínicas, as manifestações psiquiátricas saltam aos olhos e, em vez do psiquiatra ser chamado para controlar aquele caso, para orientar aquele caso, ele dá supervisão ao médico que cuida daquele caso, daquele paciente, e assim o resultado é bem melhor. Em Rio Grande, doutor, existe condições, existe uma ideia sua de implantar esse tipo de serviço? É um sonho meu implantar no nosso hospital universitário. Aliás, diga-se de passagem, é um modelo de hospital, um modelo de atendimento, um trabalho em todas as... e não é somente por ser membro da comunidade da FURG, estou dizendo isso, mas também como membro da comunidade geral do Rio Grande.

O meu orgulho do hospital em trabalho, um hospital de alto nível, e esse hospital universitário, do qual, repito, tenho muito orgulho de fazer parte do seu quadro clínico. Esse hospital tem condições para a instalação de um serviço de inconsistência, interconsulta psiquiátrica, e tenho certeza que em breve, com o apoio sempre que tenha recebido de todas as minhas direções, poderei implantar esse serviço no hospital. A equipe de psiquiatria do hospital universitário, ela é

composta hoje por quantas pessoas? Não haveria necessidade de acréscimo? No momento, a FURG tem dois profissionais psiquiátricos.

Sou eu, sou decano do curso médico, sou, por uma dessas coincidências atualmente, o mais antigo professor do curso de medicina. Pois vim muito monstro para cá, já vim até para a faculdade, e lecionava psicologia médica, uma carreira fundamental no primeiro ano. E quem começou comigo no agículo de 1966, ou não está mais na FURG, ou já se aposentou, ou já morreu, então eu sou o decano com muito orgulho do curso de medicina.

Então, eu sou professor titular, decano do curso médico, existe também o professor Sargo, José Samuel, que foi ex-aluno também do curso de medicina aqui, da nossa querida e competente faculdade. E temos mais no hospital universitário, duas jovens psiquiatras que estão sendo formadas por mim, como também um modelo, um núcleo de uma futura residência de psiquiatras, que são pessoas trabalhadoras, inteligentes, são a doutora Flávia Rangel Braga e a doutora Hortência Jorge. Essas senhoras que estão sendo jovens ainda, estão sendo preparadas por mim e trabalham no hospital universitário pela FAERB, pela Fundação de Apoio ao Hospital de Ensino.

Então, nós temos, a rigor, quatro pessoas em psiquiatria, mas nós temos enfermeiras psiquiátricas de um nível muito bom, temos enfermeiras psiquiátricas, enfermeira Isabela, enfermeira Mara, temos assistentes sociais também de alto nível. Então, nós poderemos fazer, nós já temos condições de fazer um quesito de interconsulta. E agora, depois desse encontro, que na verdade não é um encontro, é um congresso, salva magnitude dele, eu vou avançar mais alguns passos no sentido da instalação desse quesito.

Doutor, como é que como médico psiquiatra e como professor da cadeia de psiquiatria, o senhor vê a lei Delgado, essa lei do deputado Paulo Delgado, do IPT, que pretende, resumindo assim, extinguir os hospitais psiquiátricos? A lei do deputado Paulo Delgado, do IPT de Minas Gerais, tem muita coisa boa e, com alguns retoques, vai ajudar muito a aprimorar o atendimento psiquiátrico no Brasil. Acontece que, com o fechamento dos hospitais psiquiátricos, isso jamais vai ocorrer. Sempre nós vamos ter necessidade, em algum local, para, temporariamente, tratarmos nossos pacientes em regime de internação.

O que podemos tirar é o nome hospital psiquiátrico, porque nós não podemos pensar a doença mental como algo romântico, uma coisa de que fique bom da sua loucura hoje. A gente enlouquece quem pode aquela frase, não quem quer. Eu não posso chegar e dizer que vou ficar bom da minha loucura, porque, além da força de vontade, que é uma coisa importante nas pessoas, existem forças dentro de nós, e está aí a genialidade do Freud para mostrar tudo isso, e não somente a genialidade do Freud.

O Freud mostrou, deu essa paulada na humanidade, mas nós estamos vendo no dia a dia que não manejamos certas dificuldades nossas. Eu, você, um operador, seja quem for, nós temos

determinadas dificuldades que não manejamos. Então isso, em um grau mais avançado, seria uma doença mental.

E a doença mental, em resumo, não é uma coisa romântica, uma situação passageira, pode até ser uma situação passageira, mas eu queria dizer assim, você entra na loucura e sai dela. O importante não é entrar nela, é sair dela. Mas se entrar, também tem que ter, dentro de você, as condições para sair.

Ou seja, está muito complicado o que eu estou dizendo. Nem todo mundo pode enlouquecer. Quer dizer, para eu sair da minha loucura, não está em mim.

Não está em mim, não está na minha pessoa. Então não é uma coisa romântica que eu vou fechar o hospital psiquiátrico, porque a necessidade do hospital psiquiátrico sempre vai haver. Até porque muitos, e nós conversávamos antes do programa isso, muitos doentes mentais sentem a própria necessidade de estar internado.

Exatamente, Rosane. O paciente pede verbalizando, muitas vezes verbaliza essa necessidade, e quando não verbaliza, pede através de maneiras não verbais, para ser protegido. Agora, o que nós não podemos confundir é com certas distorções que acontecem na vida de muitos hospitais psiquiátricos.

Mas mesmo assim, Rosane, eu acho, com meus vinte e tantos anos de formato, minha experiência, conheço hospitais psiquiátricos de Porto Alegre ao Chuí. Os hospitais psiquiátricos, mesmo com todos os problemas, trouxeram muito mais vantagens ao Brasil do que desvantagens. Acho que, por exemplo, logo os hospitais psiquiátricos daqui, muito pouca gente sabe, com todas as críticas que fazem, com todos os problemas, ele está bem acima da média do Brasil.

Estão aí as reportagens das revistas, dos jornais televisivos. Então, em resumo, tentando resumir, Rosane, a lei delgado tem muita coisa boa, o retoque vai ser muito bom. Agora, essa parte de fechamento por instinto dos hospitais psiquiátricos, isso não vai existir.

Pode haver mudança de nome, já existem até pensões protegidas, mas essa situação romântica de abraço do seu louco, isso não existe. Senão nós vamos retornar a uma situação pré-hospitais psiquiátricos. Aquela situação de que os loucos abandonados na rua, apedrejados, sendo ridicularizados.

Então, nem tanto ao mar, nem tanto à terra. Nem a situação agilar, degradante, nem o fechamento dos hospitais. O meio termo deveria ser encontrado.

E o senhor poderia citar algum ponto da lei delgado que o senhor considera positivo, que seria um passo em termos desse meio termo que a gente tem? Essa obrigatoriedade é um ponto polêmico. Muita gente diz que não gosta, mas eu gosto. Deve haver uma autorização judicial

para a internação.

E vocês vão ver para surpresa que muitos pacientes, eles mesmos vão pedir a autorização. Porque você sabe que isso vem, Rosalind, de muita exploração política que aconteceu no mundo inteiro. Aconteceu, você sabe, que em muitos países se usou o hospital psiquiátrico para recolhimento de pessoas que não concordavam com as ideias.

Em muitos países, em toda parte do mundo, se usou isso. Então, para preservar o hospital psiquiátrico, eu acho isso muito bom da lei delgado. Isso aí muitos colegas não concordam.

Então, a autoridade vai ficar com mais estrago, mas eu acho que é bom, mesmo para nós médicos. Porque nos protege e protege também de certas injustiças. Amanhã, lá pela Santos, como já aconteceu, a pessoa querer botar uma outra pessoa no nosso hospital psiquiátrico como castigo.

Professor, eu queria que o senhor falasse um pouquinho mais do jeito nosso, o hospital psiquiátrico aqui do Rio Grande. O senhor atuou durante muitos anos lá no hospital, né? Atuei, atuei. E em quantos temas? Eu vim em 1965, trabalhei com o doutor Ciro Carlos Campani, trabalhei com o doutor Flores Zacunha, trabalhei com o doutor Samuel, trabalhei com a doutora Maria Lúcia, trabalhei praticamente com o doutor Sérgio Médio e o doutor João Machado, que hoje estão lá, doutora Inês Brito.

Acho que todos os psiquiatras que estão atualmente trabalhando aqui, exercendo a função aqui no Rio Grande atualmente, já passaram pelo hospital. E o hospital que formou, que no formou, pelo menos foi base para muita gente importante que está fora do Rio Grande. Em Porto Alegre, nós temos excelentes psiquiatras que passaram pelo nosso hospital.

No Rio de Janeiro, excelentes psiquiatras, psicoanalistas, até no exterior. Nós temos uma pessoa que começou comigo aqui no hospital psiquiátrico e hoje está em Lisboa. O doutor Ricardo Severo, que foi da primeira turma e que até hoje é conhecido e lembrado pelo seu trabalho aqui no hospital psiquiátrico.

Eu trabalhei 16 anos, hoje só leciono na universidade, mas nunca me desliguei do hospital psiquiátrico. Tenho certeza que a obra começada por mim, pelo seu prazão, e hoje, mais do que nunca, impulsionada pelo Enio e pela dona Neuza, tenho certeza que o hospital agora vai receber um impulso muito forte. Já está recebendo, isso me entusiasma muito.

A comunidade, o Rotary Club, tem apoiado muito. Principalmente essa disposição do Enio Fernandes e da dona Neuza Fernandes, comandando a Santa Casa, mobilizando a comunidade para o seu hospital. Professor, as suas informações abrilhantaram o Bom Dia FURG de hoje.

Nós agradecemos a sua participação. Os nossos microfones estão abertos para qualquer outra mensagem que você queira dar à população riograndina e para qualquer outra informação

necessária do departamento de medicina interna da sua área de atuação. Muito obrigado a você, Rosane, e a toda a equipe da Rádio Universidade.

O Bom Dia FURG retorna amanhã. Um bom dia a todos.